

# Comunicação como ‘campo de ressonâncias’: ética, padrão de conexão e patrimônio intangível

Priscila Kuperman

## INFORMAÇÃO COMO PATRIMÔNIO SIMBÓLICO/ INTANGÍVEL

O patrimônio ganha sentido no cotidiano das comunidades; portanto, seu sentido é culturalmente específico. Ele constitui em elemento de mediação entre os sujeitos e os projetos a serem negociados. *Cultura e patrimônio são fatores de mudança social e de produção de qualidade de vida. É com este valor que vamos refletir sobre as interfaces cultura/patrimônio/comunicação.*

Valores têm aqui o sentido weberiano, ou seja, são fins para ações sociais que se deve preservar, tomando formas normativas e dando origem a uma ética; para tal, acrescento que os valores devem também delinear os meios da ação; e o sentido de uma comunicação é aqui entendido enquanto possibilidade de interação dialógica e intercâmbio de valores entre grupos sociais de interesses divergentes, dando-se através de mediação de conflitos, visando um convívio respeitoso entre diferenças sociais.

As representações simbólicas e os estilos de vida dos indivíduos em suas mobilizações por demandas específicas definiriam a qualidade de vida como patrimônio simbólico, e a cultura como o alfabeto do imaginário dos grupos estudados.

Não há consenso sobre uma definição de Qualidade de Vida, embora haja um a concordância entre os estudiosos de que ela reúne *bem-estar social e psicológico assim como o estado de saúde.*

Assim, partimos da definição básica do Grupo WHOQOL (Qualidade de Vida da Organização de Saúde Mundial), um grupo de pesquisa de âmbito mundial, organizado pela Organização Mundial de Saúde, que começou em 1991, com uma ampla definição de qualidade de vida: esta seria determinada pelas *“percepções que os indivíduos têm da sua posição na vida no contexto da cultura e sistemas de valor nos quais eles vivem em relação às suas metas, expectativas, padrões e preocupações”.*

Acrescentaríamos que o termo deve ser ainda mais amplo em seu conceito, e incluir a avaliação do indivíduo em todos os aspectos da vida, incluindo fatores como a segurança do ambiente no qual ele vive, se ele tem acesso a serviços de assistência à saúde e a serviços sociais, além de levar em conta o estado mental/emocional do indivíduo.

Trabalhamos com a busca da mediação entre as individualidades dos sujeitos e suas diferenças culturais, segundo o ideal de uma ética que oriente as decisões do poder vigente, rumo à redução da exclusão na vida social.

Antropologicamente falando vivemos em rede, mas em uma *rede de sistemas simbólicos, historicamente definidos*. A discussão sobre os limites de antigos paradigmas do conhecimento ocidental implicou no desenvolvimento de novos conceitos e abordagens transdisciplinares.

Sabemos o quanto a *mídia* tem um lugar não apenas difusor como também estruturante, enquanto criadora de novas formas de conhecimento e intercâmbio que conhecemos como cibercultura, e que tem uma dupla face em nossa modernidade tardia: uma prática de homogeneização pela planetarização dos valores de mercado e consumo, mas simultaneamente uma acentuação das identidades locais, revalorizando padrões tradicionais de expressão da cultura.

Por sua capacidade de interconectar o planeta em tempo real, os dispositivos de comunicação buscam unificar “crenças, valores, estilos de vida e padrões de consumo, quase sempre alinhados com a razão competitiva dos mercados globalizados” e, ao se apresentarem como porta-vozes do público em geral, revelam-se na realidade “um hábil artifício retórico para dissimular vínculos orgânicos com a lógica do capital”.

Entretanto, mesmo considerando como profunda a interferência dos aparatos de veiculação de informação e entretenimento nos *imaginários sociais*, acreditamos que *a imprevisibilidade é um fator constitutivo da existência, e fundamental para a criatividade da História*.

Afirmo assim que não existe consistência histórico-filosófica em um “pensamento único”, nem quanto à afirmação da ‘eternidade’ ahistórica de qualquer paradigma epistemológico, nem quanto à suas manifestações, como a fatalidade da hegemonia da industrialização da cultura. Acredito, sim, em “um horizonte englobante, mas aberto, relativamente indeterminado” - afinal, foi Sartre talvez quem melhor interpretou esta idéia ao afirmar que somos “condenados à liberdade” : nosso maior trunfo pode ser também nosso grande encargo, pela responsabilidade que implica.

Importante é então pensar a representação simbólica do patrimônio cultural dos grupos em sua diversidade em termos de *identidade, heterogeneidade, pluralismo e hibridação* de modo a mapear as “*comunidades imaginadas*”<sup>2</sup>, grupos de sujeitos sociais unidos por um mesmo imaginário, aliados em torno de valores comuns formando uma teia de significados, e ‘leais’ a uma dada racionalidade.

É preciso acreditar, e imaginar, a universalização da cidadania diante da drástica realidade dos oligopólios no setor multimídia: “resgatar a diversidade é

fundamental para a coexistência de povos, das nações e das culturas”, viabilizando um realinhamento dos sistemas globais de informação e entretenimento” que respeite peculiaridades regionais e afinidades eletivas, e não desconheça as mutações da era digital, mas que coíba monopólios, permita a descentralização da produção simbólica e assegure o bem supremo do pluralismo”.

Acreditamos que ao menos em parte cabe a nós, no âmbito das instituições culturais, estabelecer canais de comunicação, construindo as pontes necessárias, possíveis, para a negociação das fronteiras no confronto de identidades e interesses diversos de sujeitos e grupos sociais.

Ampliando o espaço de indagação e de análise do campo da Comunicação, relativizamos a abrangência de seus modelos lineares clássicos (baseados na observação do processo *de transmissão do tipo emissor -> receptor*), e mesmo considerando um *salto quântico* a experiência da interatividade das redes, pensamos aqui numa possibilidade: o universo da circulação de informação como um *campo de ressonância*<sup>3</sup>, não simplesmente pelo intercâmbio em tempo real na realidade virtual, mas como campo energético, de acordo com as reflexões contemporâneas transdisciplinares – as interfaces entre as Ciências Físicas e Biológicas e as Ciências Sociais e Humanas.

Desse modo, a dimensão da universalidade se apresenta não como a crença iluminista numa razão comum essencial, mas algo a ser construído. Nessa proposta ocupa um lugar de destaque a memória social, na conservação e criação de identidades coletivas e suas projeções políticas, dentro das nações ou entre elas. As identidades se constroem e se preservam interagindo com imagens simbólicas da tradição e da memória, em sua dinâmica incessante:

“Identidade e memória são dimensões diferentes de um mesmo fenômeno (...) A memória é o principal instrumento para a reestruturação de novas visões do mundo e condições desafiadoras, de tal modo que a incerteza, o medo, a insegurança, o ruído e o risco se transformam em experiências integradas e significativas”.

Assim, os intercâmbios entre memória ou tradição (religiosa ou não), identidade (herdada ou escolhida) e política parecem-nos desenhar uma relação fundamental sobre a qual devem assentar-se nossas reflexões sobre o lugar da Comunicação no panorama mundial da diversidade cultural na atualidade.

Observamos que a partir da segunda metade do século XX tomou forma o movimento sociocultural urbano conhecido como *contracultura*, que se desencadeou nos anos 60 e se prolongou pela década de 70, originalmente nos EUA e na Europa mas repercutindo nos países ‘periféricos’. Propunha um outro paradigma cultural,

que se expressou em manifestações de insurgência às tradições ocidentais na política, na educação, na literatura, na música, nas artes plásticas e performáticas, na moda, nas religiões, com forte marca de inspiração oriental, importando também modelos de sistemas terapêuticos distintos de nossa racionalidade médica ocidental, e que enfatizavam a *integralidade corpo-mente-cosmos*.

Esta cosmovisão fundamenta-se em um paradigma de conhecimento originado na Física Quântica e Relativista, e que vem sendo desenvolvido principalmente pelas Neurociências e pela Biologia Cognitiva: baseia-se no pressuposto de que existe uma *unidade na auto-organização do universo*, uma *interconexão fundamental entre matéria e energia de natureza essencialmente dinâmica: todas as coisas só existem em processo - a única coisa que não muda é a própria mutação*.

A mídia contemporânea apresenta fartos exemplos de oferta/demanda no mercado editorial e cinematográfico de temas que abordam a concepção “hologramática”. No filme que recentemente esteve durante alguns meses em exibição na sala Estação Botafogo, intitulado “*What The Bleep do We (K) Now*” e traduzido como “*Quem Somos Nós*”, cientistas de diferentes especialidades, nacionalidades e instituições, discutiam teorias da Ciência Contemporânea quanto à unidade mente-corpo e ser humano-universo.

Entre eles, destacou-se o físico nuclear indiano AMIT GOSSWAMI, residente nos EUA, PhD em Física Quântica e prof. titular da Universidade de Oregon, que publicou entre outras obras “A Física da Alma” e “O Universo auto consciente”, traduzidos em português, entre outros.

Neste último ele afirma a relevância de 3 disciplinas principais para a visão científica contemporânea do mundo:

1. As Neurociências (Medicina)
2. A Biologia (Cognitiva)
3. A Psicologia Transpessoal

E nos mostra como, nessa virada do século, as transformações na Física se deram de modo também descontínuo, o que demonstra a *não-localidade na transferência de informações*.

Este é um ponto decisivo em que se baseia nossa reflexão pois, neste cenário, é a *consciência do observador que transforma as ondas de possibilidades (os objetos quânticos) em eventos*, perceptíveis aos sentidos.

O objetivo dessa nossa linha de trabalho<sup>4</sup> é uma ação integrada de pesquisa, ensino e práticas voltadas para um trabalho sobre a dinâmica da consciência dos sujeitos, acreditando que esta é um dispositivo-chave, responsável pelas escolhas entre possibilidades quânticas, que definem então eventos concretos.

## O LEGADO DE GREGORY BATESON – POR UMA *ECOLOGIA DA MENTE*<sup>5</sup>

Gregory Bateson, antropólogo e psiquiatra, chamou a esta ordem de “*padrão de conexão*”, cuja consciência seria capaz de superar o limite do “ego encapsulado”, como Alan Watts chamava a auto-referência natural do sujeito. Cientistas desta linha consideram que existe uma *interdependência* entre todas as manifestações de matéria e de energia no universo, em diferentes níveis de articulação, através de uma forma de *mente*. Por isso Bateson nos propõe o conceito de *Ecologia da Mente*: cada ser vivo constrói sua identidade internalizando, em alguma medida, a ordem cósmica. Cada elemento prefigura o todo. E todas as transformações que os seres vivos sofrem (sem morrer) não alteram sua autocriação, pois são a ela subordinadas.

Atualmente sabe-se – e há um *boom* editorial de pesquisas apresentando idéias como a de que a Física Quântica e Relativista, a Biologia Cognitiva e a Química parecem demonstrar a existência de uma unicidade na auto-organização do universo, uma interconexão fundamental entre matéria e energia, de natureza essencialmente dinâmica, cujas características intrínsecas são o Tempo e a Mudança. Assim, afirma-se que todas as coisas só existem em processo, como queria Heráclito: “é na mutação que as coisas encontram repouso”. Bateson<sup>6</sup> chamava esta unidade dinâmica de auto-organização de “o padrão de conexão”.

Os diversos pensamentos e práticas mencionados supõem que a heterogeneidade da existência possui uma coerência lógica, nem sempre perceptível *a olho nu*, que se revela muitas vezes através de ‘outros modos de ser’ não codificados pelo racionalismo, e que poderia ser resumida em três aspectos:

a) a interdependência constitutiva que *liga ser humano e universo*, presente no Oriente e esquecida no Ocidente (ao menos pelos arautos da verdade, ou da credibilidade, como a academia, a mídia e o próprio senso comum);

b) a *unicidade intrínseca do ser humano* (corpo-mente); o psiquismo seria um estado mais sutil da matéria e esta, energia psicofísica em estados mais densos;

c) a *unicidade original dos saberes, o conhecimento como Sabedoria* - ciência, filosofia, religiões e artes - inspiradas e/ou debruçadas sobre a) e b).

Esta cosmovisão está presente na tradição simbólica tanto ocidental como oriental, pois se pode dizer que acima temos uma descrição possível do arquétipo hermético (alquímico) do *unus mundus*, retomado por Jung. E as diferentes formas da energia, ou os diferentes graus de densidade da matéria, seriam assim manifestações de um *movimento* fundamental, que seria essa imagem da onipresença dessa realidade

última irrepresentável - pois seria pura energia de criação/destruição, o que os hindus chamam de 'a dança de Shiva', e tal como concebem os chineses, quando afirmam que 'tudo é mutação', que a única coisa que não muda é a própria mutação.

De qualquer modo, somos mais do que percebemos e do que se possa dizer do que somos. Se o conhecimento por representação é aquele onde a natureza se mostra em imagens através da força simbólica, e se o símbolo é aquele que aponta a origem e o destino de cada coisa em sua identidade, diferenciando-a - então este *movimento* não abrange a totalidade de informações disponíveis porque, como sabemos *um mapa não cobre um território*.

A ciência do Caos - através da Física, mas de sua refração na Química e na Biologia, sobretudo - há décadas vem trabalhando com novas idéias sobre a intelegibilidade do Universo, centradas não mais na busca das leis gerais, mas na observação do circunstancial, como os fenômenos de catástrofe, do caos, do acaso organizador, da complexidade, imprevisibilidade, da desordem organizadora ou da ordem através de flutuações. Fala-se de uma nova racionalidade científica, que possa ter respostas para fenômenos de turbulências, mudanças climáticas, oscilações na Bolsa de Valores...

Ilya Prigogine fala das 'estruturas dissipativas', que dispersam energia pela desordem organizadora; Henri Atlan trabalha sobre a 'auto-organização' dos seres vivos; Edgar Morin detém-se sobre o ritmo de 'ordem/desordem/organização'.

O grupo Lindsfarn Fellows, fundado por Gregory Bateson, dirige seu trabalho para um diálogo entre unidade e diversidade na dinâmica organizacional do universo físico e social: James Lovelock defende a 'hipótese de Gaia' - a deusa grega da Terra - para descrever a totalidade do planeta como um ser vivo, autoregulado; Maturana e Varela concebem a auto-organização como 'autopoiese' (de *auto*=próprio e *poiese*=forma, em grego).

Podemos citar ainda Karl Pribram e David Bohm, que percebem uma 'ordem implícita' na natureza que, invisível, é a condição de nosso mundo observável, ou 'ordem explícita'; e Rupert Sheldrake, com sua teoria dos também invisíveis 'campos morfogenéticos', modelando as formas sensíveis em intercâmbio com o ambiente.

Como um caso de desobediência civil, a ordem em certos instantes imprevisíveis origina-se do caos, transgredindo leis e quebrando simetrias. No movimento de ruptura está contido a reorganização do todo, pela reserva de energia flutuante que compõe o cosmos.

Nesse quadro *o organismo - o sistema vivo - define-se unicamente por sua travessia constante através desse oceano de energia-informação*, no ritmo de

uma incessante criação-destruição-recriação. O vínculo temporário que formata a densidade dos corpos é feito de um feixe de momentos, um “*buquê de tempos*”, como diz Michel Serres.

O Princípio de Incerteza, ou de Indeterminação, que deu a Heisenberg o Prêmio Nobel em 1931, sugere que “uma vez chegados ao nível atômico, o mundo objetivo do espaço e do tempo deixa de existir, e os símbolos da Física Teórica referem-se meramente a possibilidades, não a fatos.”<sup>4</sup>

A concepção de matéria e energia, e de sua relação, é decisiva: as partículas ínfimas da matéria comportam-se ora como partículas, ora como onda ou vibração. Sobre esta natureza paradoxal, Niehls Bohr, destaque na Física teórica da Escola de Kopenhagen, formulou o Princípio da Complementaridade. Para Wolfgang Pauli, também destaque no campo da Física Quântica, este princípio seria a solução mais satisfatória para a eterna questão da relação entre espírito e corpo.

*A organização do conhecimento e a dinâmica da sociedade derivam de uma mesma exteriorização da consciência:* talvez por isso Bateson diga que uma Teoria da Comunicação deve ser uma Teoria da Ressonância, espécie de troca de padrões de onda entre a realidade física e a consciência, esta funcionando como um campo de intensidades, operador psíquico de vontades, juízos, decisões: a atividade (inconsciente) da vida seria a expressão de algum tipo de mente (enquanto princípio auto-organizador) que, para ser percebida, precisa que se observe não apenas sua face manifesta - as mensagens - mas sobretudo sua estrutura subjacente, ou seja, *o processo de significação*.

Penso que uma abordagem complementar ao pensamento científico, constituída por pensamentos e práticas das sociedades tradicionais, amplia o campo informacional da realidade psicofísica. Desse modo revelam-se novos horizontes de sentido na representação do evento extraordinário, e se pode obter subsídios para o desenvolvimento de uma hipótese: a de que o canal para o processo de comunicação acausal passa pela *superação dos limites do ego*.

Nessa viagem, a ciência contemporânea, aliada ao estudo do pensamento e das práticas socioculturais das sociedades tradicionais (afro-asiáticas, européias, americanas) podem nos colocar no rastro de experiências de mundo – algumas presentes no pensamento pré-socrático – que nos fazem pensar em dualidades básicas, como unidade e diversidade da existência, matéria e energia, corpo e mente, tempo, espaço e consciência., unidos constitucionalmente pelo *padrão de conexão*.

Acreditamos que este caminho do pensar pode vir a contribuir para projetos coletivos mais eficientes e escolhas individuais mais integradas ao meio, ao legado da diversidade cultural e, assim, favorecer a criação de um futuro mais promissor.

Perceber a vida deste modo seria então acreditar que *a crise do mundo contemporâneo inicia-se por uma crise de percepção*, e que existe a possibilidade de mudar um paradigma dominante quando ele se comporta como absoluto, e exerce seu poder inclusive politicamente. Cabe neste cenário a busca de estruturar-se uma proposta para o mundo contemporâneo, aquela da construção de uma consciência de si e da interdependência de todos os seres em algum nível, de modo a levar a perder a força a *Roda dos Desejos*, também conhecida como a *Roda da Angústia*<sup>7</sup>.

Uma dimensão transpessoal, como expansão do domínio consciente, pode melhor compreender e contextualizar o que escapa do absoluto visível, do inteligível, do determinável. *Se há uma linguagem para dizer da informação que parece surgir como ruído*, que ela possa nos resgatar a capacidade de admiração diante do inusitado, atitude originária do pensamento ocidental - e a competência (e a humildade) do convívio com o enigma.

Algo como se nossa dinâmica psíquica, ao relativizar a densidade do ego, assumisse *a postura ética que define uma ecologia da mente*: passasse a ser e a agir como um *software livre* – ou seja, *a ter a experiência de uma mente em que você tem pleno acesso ao código do programa*.

PRISCILA KUPERMAN é Professora Associada da ECO/UFRJ. Professora Colaboradora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (UNIRIO / MAST).

## NOTAS

1 Canclini, N. G., op.cit.

2 Bateson, G., *Mente e natureza*, Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves.

3 Programa PACEM - *Programa de estudos interdisciplinares em Artes Dramáticas, Ciências Sociais e Ecologia da Mente*, Pró-Reitoria de Ensino, Pesquisa e Extensão, UFRJ.

4 Bateson, G., *Mente e Natureza, A Unidade Necessária*, ed. Francisco Alves, RJ, 1986, tradução de Claudia Gerpe.

5 in Koestler, A., *As razões da coincidência*: Nova Fronteira, RJ, 1972.

6 BOEHME, Jacob, in NICOLESCU, B., *CIÊNCIA, SENTIDO E EVOLUÇÃO*, Editorial Attar, SP, 1995.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Impressos

Bateson, G. *Mente e Natureza, A Unidade Necessária*, ed. Francisco Alves, RJ, 1986, tradução de Claudia Gerpe.

\_\_\_ *Vers une écologie de l'esprit*. Paris : Ed. Du Seuil, 1977.

\_\_\_ *Comunicación*, in *La nueva comunicación*. Barcelona, Ed. Kairós, 1982.

Bauman, Z. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 1999.

\_\_\_ *O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.

Bhattacharya, S. *The oneness/otherness mystery*. Delhi: Motilal Banarsidass Publishers, 1999.

Bohm, D. *Diálogo-Comunicação e redes de convivência*. São Paulo: Palas Athena, 2005.

Burke, P. Um novo paradigma? in *O que é história cultural?* . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

Canclini, N.G. *Culturas Híbridas*. São Paulo: Edusp, 1998.

\_\_\_ *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

\_\_\_ *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999.

Camargo Leirner, P. *Hierarquia e individualismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

Editores, col. Passo a Passo no. 26, 2003.

Canclini, N. *Consumidores e Cidadãos*, Ed. UFRJ, RJ, 1999.

Canevacci, M. *Sincretismos – uma exploração das hibridações culturais*. Tradução de Roberta Barni. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

Castoriadis, C. *L'Institution imaginaire de la société*. Paris: Seuil, 1975.

Coomaraswamy, A. *O que é civilização*. São Paulo: Siciliano, 1992.

Cuche, D. *A noção de cultura nas ciências sociais*. São Paulo: EDUSC, 2002.

Debord, G. *La société du spectacle*. Paris: Ed. Champs Libre, 1971

Duby, G. *A história continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed./Ed. UFRJ, 1993.

Dumont, L. *O individualismo – Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

\_\_\_ *Homo Hierarchicus – O sistema de castas e suas implicações*. São Paulo: Edusp, 1992.

- Durand, G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- *A imaginação simbólica*. SP: Martins Fontes, 1990.
- \_\_\_ *Science de l'homme e tradition*. Paris: L'Ile Verte/Berg Internationale, 1979.
- Durkheim, E. Representações individuais e representações coletivas, in *Sociologia e filosofia*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1970.
- Eliade, M. *Imagens e símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- Fiori, J.L. *60 lições dos anos 70 - Uma década de neoliberalismo*. Rio de Janeiro :
- Ford, A. *Navegações – Comunicação, cultura e crise*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.
- Foucault, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1981.
- Geertz, C. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- \_\_\_ *Local Knowledge*. New York: Basic Books, Inc., Publishers, 1983.
- \_\_\_ *A interpretação das culturas*.
- Gleiser, M. Mitos de criação, in *A dança do universo - dos mitos de criação ao Big Bang*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- Guiddens, A. *Mundo em descontrolé*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- Guimarães, A.Z. (org.). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves editora, 1975.
- Ginzburg, C. *Mitos, emblemas sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- Goffman, E. *A representação do eu na vida quotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- \_\_\_ *Estigma*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1978.
- Hall, S. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- Hannerz, U. *Exploring the city*. New York: Columbia University Press, 1980.
- Huxley, A. *A filosofia perene*. São Paulo: Cultrix, 1991.
- Ianni, O. *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- Illitch, I. *Toward a history of needs*. New York: Bantam Books, 1980.
- Infante, Raffaele. *Ecologia da Saúde Mental*, ed. UFRJ.
- Koestler, A. - *As razões da coincidência*, Nova Fronteira, RJ, 1972
- Laraia, R.B. *Cultura – Um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge

- Zahar Editor, 2006.
- Leach, E. *Cultura e Comunicação - A lógica pela qual os símbolos estão ligados*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. Luz, Madel.
- Loundo, D. Elementos para uma análise do estatuto do imaginário em sociedades complexas tradicionais e semitradicionais, in *Diálogos tropicais*. Rio de Janeiro: UFRJ, org. de Dilip Loundo & Michel Misse, 2003.
- Lupasco, S. *O homem e as três éticas*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- Machado, R. *Ciência e saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- Mauss. M. Ofício do etnógrafo, método sociológico, in *Mauss*. São Paulo: Ática, col. org. por Roberto Cardoso de Oliveira 1979.
- \_\_\_ *Categorias coletivas de pensamento e liberdade*, in Mauss, idem.
- \_\_\_ *Ensaio de sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- \_\_\_ *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Edusp, 1974.
- Moscovici, S. Nos sociétés biuniques, in *Communications*. Paris, Seuil, no. 22, 1971.
- \_\_\_ *Hommes domestiques et hommes sauvages*. Paris: 10/18, 1974.
- \_\_\_ *Sociedade contra natureza*, Petrópolis, Vozes, 1975.
- Nicolescu, B. *Ciência, Sentido e Evolução*, Editorial Attar, SP, 1995.
- Ondina, F.L. (org.). *Horizontes antropológicos*. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRS, ano 4, no.9, outubro de 1998.
- Prigogine, I. & Stengers, I. *A nova aliança*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1984.
- Rodrigues, J.C. *Antropologia e Comunicação: princípios radicais*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.
- Roitman, A. (org.). *O desafio ético*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.
- Sader, E. *Século XX – Uma biografia não-autorizada*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1996.
- \_\_\_ (org.) *7 Pecados do capital*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- Sahlins, M. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- Sennett, R. *Carne e pedra – o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- \_\_\_ *A corrosão do caráter*. Rio de Janeiro: Record, 1999
- Soares, L.E. *O rigor da indisciplina – Ensaio de antropologia interpretativa*. Rio de Janeiro; Iser/Relume Dumará, 1994.
- Sodré, Muniz. *Jogos extremos do espírito*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- Thompson, W.I. (org.). *Gaia – Uma teoria do conhecimento*. São Paulo: Editora Gaia, divisão da Global Editora e Distribuidora Ltda., 1990.

Toben, Bob & Allan Wolf, Fred. *Espaço, Tempo e Além – em conversa com físicos teóricos*, Cultrix, SP, 1982.

Velho, O. *Besta-Fera – Recriação do mundo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

\_\_\_ De Bateson a Ingold: Passos na constituição de um paradigma ecológico, in *Mana - Estudos de Antropologia Social*. Rio de Janeiro: PPGAS-Museu Nacional da UFRJ, no. 7, 2001.

Weber, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1967.

\_\_\_ *Sociologia*. São Paulo: Ática, col. org. por Gabriel Cohn, 1982.

Weber, Renée, *Diálogos com cientistas e sábios – a busca da unidade*, Cultrix, SP, 1988.

Wilber, K. *The holographic paradigm and other paradoxes – exploring the leading edge of science*. Boston: New Science Library, um selo da Shambala Publications, Inc.

Zimmer, H. *Mitos e símbolos na arte e civilização da Índia*. Compilado por Joseph Campbell. São Paulo: Palas Athena, 1989.

### **Digitais:**

Pan Nalin, *Ayurveda, the art of being*- [www.ayurvedafilm.com](http://www.ayurvedafilm.com)

WIKIPEDIA [http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%8Dndice\\_de\\_Desenvolvimento\\_Humano](http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%8Dndice_de_Desenvolvimento_Humano)